

## A noção de retradução nos estudos da tradução: um percurso teórico

Thiago Mattos<sup>1</sup>

Álvaro Faleiros<sup>2</sup>

**Resumo:** Ainda que a retradução tenha sido sempre praticada, raramente foi objeto de análise e teorização. Recentemente, no entanto, a retradução tem recebido especial atenção nos estudos da tradução. Passando por autores tão díspares como Berman, Ladmiral, Meschonnic, Steiner etc., a retradução é atualmente uma noção teórica cada vez mais discutida nos estudos da tradução, inclusive no âmbito brasileiro. Este trabalho busca expor o percurso teórico pelo qual tem passado a retradução desde que começou a ser estudada de maneira mais sistemática até os autores mais recentes que têm se debruçado sobre o assunto. Para tanto, partimos do trabalho fundador de Antoine Berman (1990), expondo suas considerações mais fundamentais e suas contradições mais significativas. Mostramos, em seguida, as diversas releituras por que Berman tem passado recentemente, sublinhando os novos modos de encarar o fenômeno da retradução em termos teóricos, para chegarmos, assim, à elaboração da nossa própria definição, procurando dar conta da retradução como um espaço de dimensão plural e múltipla, permeado por interrelações por ela instauradas. **Palavras-chave:** Retradução. Antoine Berman. Yves Gambier. Estudos da tradução.

## The concept of retranslation in translation studies: a theoretical path

**Abstract:** Although the retranslation has always been practiced, it has hardly ever been analyzed and theorized. However, recently, the retranslation has received special attention in translation studies. Going through so distinct authors such as Berman, Ladmiral, Meschonnic, Steiner etc., the retranslation is currently a theoretical notion increasingly discussed in translation studies, including the Brazilian context. This paper aims at exposing the theoretical path by which has passed the retranslation since it began to be studied in a more systematic way till more recent authors who have been addressing the

---

<sup>1</sup> Mestrando do programa de Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês da Universidade de São Paulo (USP) e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). E-mail para contato: thiago\_loc@yahoo.com.br ou thiagomattos.lit@gmail.com. Telefones para contato: (11)98812-4454; (24) 99268-6932. Endereço postal: Rua da Consolação, 1974/22, São Paulo – SP, 01302-001.

<sup>2</sup> Professor de literaturas francesas e francófona na Universidade de São Paulo. E-mail para contato: faleiros@usp.br. Endereço postal: Departamento de Letras Modernas, avenida Professor Luciano Gualberto, 403, São Paulo – SP, 05508-900.

issue. Our starting point is the pioneering work of Antoine Berman (1990), exposing his most fundamental considerations as well as his most significant contradictions. Then we show the various re-readings of Berman's work, highlighting the new ways of dealing with the retranslation phenomenon in a theoretical perspective, thus reaching the development of our own definition, as we try to account for the retranslation as an area of plural and multiple dimensions, permeated by interrelationships brought by it.

**Keywords:** Retranslation. Antoine Berman. Yves Gambier. Translation studies.

## 1. Introdução

Ainda que pouco estudada, a retradução sempre foi, direta ou indiretamente, uma questão: tradutores, tanto quanto traduziram, sempre retraduziram. Surge daí uma questão fundamental: o que é retraduzir? O que significa o “re” da retradução? Novo, retorno, repetição? A pergunta guarda ambiguidades que exigem, senão uma solução, um contorno teórico. Este artigo propõe, portanto, expor o percurso por que tem passado a noção de retradução nos Estudos da Tradução, chegando, finalmente, a uma proposta de definição que seja capaz de dar conta de uma dimensão histórica, parcial e subjetiva que nos parece relevante ao se falar em retradução.

De Antoine Berman (1990) a Jean-René Ladmiral (2012), passando por nomes como Yves Gambier (1994; 2012), Yves Chevrel (2010), Elzbieta Skibinska (2007; 2012), a retradução, tanto quanto a tradução, é um constante redefinir. Apesar das diferenças, quase todos os autores apontaram tanto para a escassez de trabalhos *sobre* retradução quanto para a conceituação movente, ou mesmo ambígua, do termo. Talvez seja Brisset que, nesse sentido, melhor resume o status teórico da retradução, ao considerá-la um fenômeno “antigo, frequente e polimorfo”<sup>3</sup> (BRISSET, 2004, p. 41). Antigo na medida em que tradutores sempre traduziram e retraduziram: a retradução não é um privilégio (ou um fardo) da modernidade: desde que houve tradução houve retradução, na medida em que nunca houve, afinal, uma leitura unívoca e definitiva de um texto. Frequente porque, se é

---

<sup>3</sup> “ancien, fréquent et polymorphe”; todos aqueles textos cuja leitura tenha se dado na língua-fonte contarão com tradução nossa.

verdade que a retradução enquanto noção teórica só tem sido discutida a partir das últimas décadas, a retradução enquanto prática sempre foi *praticada*; basta ter em mente o exemplo da Bíblia, o texto mais retraduzido da história da tradução – 337 traduções integrais e 2000 parciais (OSEKI-DÉPRÉ, 2003). E polimorfo não somente porque são diversas as formas de se entender a retradução enquanto noção teórica, como são diversas as formas de se praticar a retradução.

Mesmo em dicionários especializados o termo é escasso:

A especificidade dessa operação foi por muito tempo negligenciada nos estudos da tradução. É significativo, por exemplo, que a entrada “retradução” não exista no *Dictionary of Translation Studies* de 1997, como a primeira edição da *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*.<sup>4</sup> (MONTI, 2012, p. 10)

Curioso notar que, em compensação, o termo comparece em dicionários de uso geral. Gambier (1994, p. 413) mostra que o dicionário francês *Grand Robert* (1985) propõe como definição “uma tradução ela própria feita a partir de outra tradução”<sup>5</sup>. Isto é, a retradução não seria uma “nova tradução”, mas uma tradução feita a partir de outra tradução; seria a *traduction intermédiaire* [tradução intermediária] ou a *traduction par relais* [tradução por intermediários] de que falam, respectivamente, Gambier (2012) e Ladmiral (2012): processo indireto, comum no caso de línguas pouco faladas. É o caso, por exemplo, de muitas traduções brasileiras do russo, do alemão, do árabe etc., que tomavam como texto-fonte uma tradução outra, geralmente francesa. Tal sentido para retradução data do século XVII, ainda que, como mostra Monti (2012), o dicionário francês *Trésor de la langue française* recorra a uma carta de 1556, escrita por Charles Fontaine, ele mesmo retradutor de Ovídio na França, para dar o sentido de “retraduzir” como “traduzir de novo”. O dicionário inglês *Oxford English Dictionary* traz somente a ideia de “nova tradução”. Em português brasileiro, o dicionário *Houaiss* eletrônico (2001) traz a definição “ato ou efeito de retraduzir; nova tradução”, enquanto o dicionário *Aurélio* eletrônico (2004) traz

---

<sup>4</sup> “la spécificité de cette opération a été longtemps négligée dans les études de traductologie. Il est significatif par exemple que l’entrée ‘traduction’ soit absente du *Dictionary of Translation Studies* de 1997, comme de la première édition de la *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*”

<sup>5</sup> “une traduction elle-même faite à partir d’une autre traduction”

três definições distintas: “1. Voltar a traduzir para uma língua (trecho ou obra traduzida dela para outra). 2. Traduzir para uma língua (trecho ou obra em língua original já traduzida para uma língua intermediária). 3. Fazer nova tradução de.”. Ou seja, comparece em português brasileiro, tanto quanto em francês, no mínimo dois entendimentos diferentes para o termo – nova tradução; tradução indireta –, uma polissemia que tem se desfeito ao longo das últimas décadas, cristalizando-se cada vez mais a definição genérica de nova tradução.

Ladmiral (2012), Chevrel (2010) e Gambier (2012) são os autores que mais se debruçam sobre a polissemia do termo. Retomando-os, podemos recuperar e alargar os sentidos correntes para retradução em 5 itens distintos que, na verdade, formam mais regiões fluidas de possíveis sentidos do que sentidos estanques, irredutíveis ou inalteráveis:

1) retradução enquanto iteração (Ladmiral, 2012), ou seja, uma nova tradução de um mesmo texto de partida; é o sentido mais comumente atribuído à retradução nos estudos da tradução mais recentes;

2) revisão de uma tradução já realizada;

3) retraduzir, na mesma língua do “original”, uma tradução desse “original”; seria a chamada “retrotradução” (Chevrel, 2010). Por exemplo: o conto *Le neveu de Rameau*, de Diderot, esteve por muito tempo perdido, sendo lido na França a partir de uma retradução francesa feita a partir da tradução alemã de Goethe;

4) tradução de uma tradução, podendo ser chamada de metatradução ou “tradução-pivô” (Ladmiral, 2012), ou, ainda, “tradução intermediária” (Gambier, 2012). É o sentido retomado por alguns dos dicionários acima expostos. Em termos históricos, uma das traduções intermediárias é tomada como texto-fonte. Um exemplo são as traduções da obra completa de Freud: as traduções da *Edição Standard Brasileira* (editora Imago) se basearam na *Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, organizada em 24 volumes e traduzida para o inglês por James Strachey; essa tradução, aliás, é a que serve de base para muitas das edições da obra completa de Freud também em outras línguas;

5) toda e qualquer tradução, na medida em que é possível que toda tradução seja por si só uma retradução: “poderíamos nos perguntar, de maneira especulativa, se o texto original (ainda não traduzido em outra língua) não poderia ele próprio ser uma tradução do autor, que estaria em busca da sua própria linguagem”<sup>6</sup> (CHEVREL, 2010, p. 11).

Outros sentidos, mais raros, podem eventualmente comparecer: o caso das traduções “em equipe”, como a realizada por Boris Schnaiderman e os irmãos Campos na *Poesia russa moderna*: um se encarrega da tradução semântica, o outro “retraduz” essa tradução, a fim de “poetizá-la”<sup>7</sup>. Ou mesmo o caso em que, em uma conferência, dois interlocutores falam línguas pouco faladas e, para que possa ser feita a tradução pelos seus respectivos tradutores, é preciso que primeiro se lance mão de uma tradução para uma língua franca – geralmente o inglês.

Se nos voltamos para os estudos da tradução, a pergunta permanece aberta: o que se entende, afinal, por retradução? O termo faz parte de uma série de redes de significações que nunca se fecham; a retradução é algo a ser sempre (re)definido: “O conceito de retradução ainda precisa ser aprofundado”<sup>8</sup> (GAMBIER, 1994, p. 414); “a retradução tem sido objeto de poucas análises” (FALEIROS, 2009, p. 145); “É surpreendente que o fenômeno tão frequente da retradução tenha dado lugar, afinal, a uma reflexão tão escassa”<sup>9</sup> (BRISSET, 2004, p. 41); “Partimos da constatação de que o conceito de ‘retradução’ foi pouco explorado em Tradutologia”<sup>10</sup> (ZARO, 2007, p. 9);

“Pouca atenção teórica tem sido dada ao tema da Retradução e da Adaptação”<sup>11</sup> (MILTON e TORRES, 2003, p. 9). Buscaremos expor os diversos modos como a retradução tem sido significada nos estudos da tradução, para, finalmente, chegarmos à elaboração da nossa

---

<sup>6</sup> “on peut se demander, de façon spéculative, si le texte originel (non encore traduit dans une autre langue) ne peut pas être considéré lui-même comme une traduction de l’auteur, qui serait à la recherche de son propre langage”

<sup>7</sup> Ver, a respeito desse procedimento, a crítica feita por Laranjeira (1993, p. 30).

<sup>8</sup> “Le concept de retraduction reste à approfondir.”

<sup>9</sup> “On peut s’étonner que le phénomène si fréquent de la retraduction ait donné lieu à une réflexion critique somme toute assez mince”

<sup>10</sup> “Hemos partido de la constatación de que el concepto de ‘retraducción’ há sido poco explorado em Traductología”

<sup>11</sup> “Little theoretical attention has been paid to the subject of Retranslation and Adaptation”

definição, procurando dar conta da retradução como um espaço de interrelações e coexistências de (re)leituras e (re)escrituras.

## 2. Da prática à teoria: o trabalho fundador de Antoine Berman

É de 1990 o número 4 da revista francesa *Palimpsestes*, dirigida por Paul Bensimon e publicada pela Presses de la Sorbonne Nouvelle. Com o título “Retraduire”, o número traz seis textos sobre a retradução: “Présentation” (Paul Bensimon), “La retraduction comme espace de la traduction” (Antoine Berman), “Quelle langue pour le théâtre?” (Anne-Françoise Benhamou), “Retraduire, (re)mettre en scène” (Michel Gresset), “*Finnegans Wake*: la traduction parasitée” (André Topia) e “Sous le signe de Mercure, la retraduction” (Liliane Rodriguez). Desses, três textos tratam especificamente do aspecto teórico da retradução: Bensimon, Berman e Rodriguez. Os demais analisam, dos mais diversos lugares, retraduições, eventualmente tocando (sobretudo Topia) em questões de ordem teórico-conceitual. No seu conjunto, a *Palimpsestes* de número 4 é uma publicação fundadora nos estudos da retradução. E, dentre os textos, é o artigo de Berman que definitivamente se coloca como texto fundador: quase todos os artigos pós-1990 sobre retradução voltarão a Berman, seja para com ele se alinhar (caso do artigo de Gambier de 1994), seja para dele se afastar (caso da maior parte dos artigos pós-2000). Tanto num caso como no outro, volta-se, seja em um gesto de aproximação, seja em um gesto de recusa, a Berman. Expor suas considerações é fundamental para que possamos a seguir mostrar as releituras que foram feitas da sua obra e, finalmente, chegarmos a nosso próprio entendimento de retradução.

Mais justo seria falar do binômio Bensimon-Berman: Bensimon, na sua apresentação, resume e reafirma muito daquilo que Berman desenvolve no seu artigo. O ponto de contato é simples: a primeira tradução é naturalizadora, na medida em que introduz a obra estrangeira a essa cultura receptora, reduz a alteridade, a fim de melhor integrá-la a essa cultura outra que a recebe, aclimatando-a a partir de imperativos sócio-culturais que privilegiam o destinatário. A retradução, por sua vez, faz um movimento

ao encontro do texto-fonte – razão pela qual, para Ladmiral (2012), Bensimon e Berman seriam “sourciers”, em oposição aos “ciblistes”. Nesse gesto de *retour* [retorno] (Gambier, 1994) ao original, busca-se a afirmação do outro na tradução, sua estranheza, sua estrangeiridade. A tradução-introdução/tradução-aclimatação dá lugar, assim, a uma tradução que lança luz às especificidades linguísticas, estilísticas, textuais daquele texto-fonte, retraduzindo-o na sua singularidade.

Cabe a Berman ir além: para o autor francês, uma tradução, ou toda tradução, é caracterizada pelo seu *inaccomplissement* [incompletude]. É a retradução que é dada a possibilidade de atingir o *accomplissement* [completude]: “Nesse domínio de essencial incompletude que caracteriza a tradução, é somente as retraduições que podem atingir – de tempos em tempos – a completude”<sup>12</sup> (BERMAN, 1990, p. 1). Diante da pergunta central dos estudos da retradução – por que retraduzir? –, Berman é enfático: retraduzimos porque “as traduções ‘envelhecem’”<sup>13</sup> (ibidem, p. 1), ideia que atravessará os estudos da retradução e que, principalmente após os anos 2000, será retomada e ressignificada<sup>14</sup>.

Berman argumenta que

É preciso retraduzir porque as traduções envelhecem, e porque nenhuma é a tradução: de onde percebemos que traduzir é uma atividade submetida ao tempo, e uma atividade que possui uma temporalidade própria: a da caducidade e da incompletude.<sup>15</sup> (BERMAN, 1990, p. 1)

Há subjacente a qualquer tradução a historicidade (que Berman prefere chamar de temporalidade) e a *défaillance* [falha]. Mas, ainda que nenhuma tradução possa ser a

---

<sup>12</sup> “Dans ce domaine d’essentiel inaccomplissement qui caractérise la traduction, c’est seulement aux retraductions qu’il incombe d’atteindre – de temps en temps – l’accompli”

<sup>13</sup> “les traductions, elles, ‘vieillissent’”

<sup>14</sup> É relevante lembrar que Walter Benjamin (2008), autor que será de fundamental importância para o pensamento de Berman, mencionava o caráter histórico das traduções, já apontando para o fato de que as traduções envelhecem, levando, pode-se acrescentar, à retradução. O caráter efêmero, histórico e incompleto da tradução, sublinhado por Benjamin, aparece também no pensamento de Derrida (1985), deixando evidentemente mais uma vez o quanto o filósofo alemão foi lido e relido pelos estudos da tradução de língua francesa. <sup>15</sup> “Il faut retraduire parce que les traductions vieillissent, et parce qu’aucune n’est la traduction: par où l’on voit que traduire est une activité soumise au temps, et une activité qui possède une temporalité propre: celle de la caducité et de l’inachèvement.”

tradução e se toda tradução está submetida ao tempo, à caducidade e à incompletude, algumas retraduições atingiriam a completude. Berman parece trabalhar, assim, com certo nível de idealismo, a partir do qual se torna possível e desejável a convicção de que a historicidade tem um “fora”, e uma retradução, uma “grande tradução”, pode se situar, portanto, fora da historicidade: “A História nos mostra que existem traduções que perduram tanto quanto os originais e que, às vezes, conservam mais brilho que estes. Essas traduções são o que se convencionou chamar de *grandes traduções*”<sup>15</sup> (BERMAN, 1990, p. 2). É o caso da *Vulgata* de São Jerônimo, da Bíblia de Lutero, do Shakespeare de Schlegel, da *Antígona* de Hölderlin, do Poe de Baudelaire. A especificidade de uma grande tradução é clara: não envelhece (ibidem, p. 2); permanece viva; é, radicalizando, ahistórica.

Berman prevê ainda seis características comuns a toda grande tradução:

- 1) é um acontecimento na língua de chegada;
- 2) é pelo menos tão sistemática quanto o original;
- 3) é o lugar de convergência entre a língua do original e do tradutor;
- 4) estabelece uma ligação intensa com o original, mensurável a partir do impacto que tem na cultura receptora;
- 5) é, para a atividade de tradução contemporânea, um precedente incontornável; 6) é uma retradução.

Desta última consideração advém outro ponto fundamental de Berman e que também será posteriormente redimensionado e recusado: “Se nem toda retradução é uma grande tradução (!), toda grande tradução é uma retradução”<sup>16</sup> (ibidem, p. 3). Do ponto de vista teórico, tal afirmação traz impasses imediatos: muitas das “grandes traduções” da história literária são, na verdade, as primeiras traduções daqueles textos. Prevendo esse tipo de questão, Berman já adverte que é necessário antes de tudo precisar mais adequadamente a noção mesma de retradução:

---

<sup>15</sup> “l’Histoire nous montre qu’il existe parfois des traductions qui perdurent à l’égal des originaux et qui, parfois, gardent plus d’éclat que ceux-ci. Ces traductions sont ce qu’il est convenu d’appeler des *grandes traductions*”

<sup>16</sup> “Si toute retraduction n’est pas une grande traduction (!), toute grande traduction, elle, est une retraduction”



Primeiro, ela não é... absoluta. Pode haver uma primeira tradução que seja uma grande tradução. Mas, longe de invalidar nossa correlação, essa possibilidade significa somente que a dita primeira tradução colocou-se antes de tudo como uma retradução, e isso conforme as modalidades particulares. Em seguida, é necessário precisar aqui o próprio conceito de retradução. Ela não qualifica apenas toda nova tradução de um texto já traduzido. [...] Pode-se falar de retradução desde que haja uma nova tradução de uma obra, mesmo se somos confrontados com uma parte dessa obra que não havia sido ainda traduzida. Basta que um texto de um autor já tenha sido traduzido para que a tradução dos outros textos desse autor entre no espaço da retradução.<sup>17</sup> (BERMAN, 1990, p. 3)

Compreende-se daí a própria ideia de “espaço da tradução” de que fala Berman já no título do artigo: uma vez que um texto de determinado autor tenha sido traduzido uma primeira vez, mesmo os outros textos, se traduzidos novamente, serão retraduições, fazendo parte desse espaço da retradução que abriga uma rede de textos retraduzidos – seja porque são novas traduções de textos integralmente já traduzidos, seja porque são novas traduções de textos parcialmente traduzidos, seja porque aquele autor já teve textos traduzidos. É isso que autoriza Berman a considerar que todas as grandes traduções por ele citadas são retraduições; e é por isso que ele consegue, via construção teórica, supervalorizar a retradução: se é uma grande tradução, é uma retradução. Há no gesto da repetição (traduzir de novo; uma nova tradução) uma clara positivização. Berman retoma assim a concepção cíclica da tradução proposta por Goethe, para quem há três modos de tradução: um primeiro modo em que a tradução se dá palavra por palavra, um segundo modo em que a tradução assume um caráter livre, adaptando o original à cultura do tradutor, e um terceiro modo em que reproduz as singularidades culturais, linguísticas, etc. do original. Toda cultura que traduz um texto percorre esses três estágios. Alinhado a Goethe, uma primeira tradução não será nunca, aos olhos de Berman, aquela que mais se aproxima do texto-fonte, aquela que traduz a Letra

---

<sup>17</sup> “D’abord, elle n’est pas... absolue. Il peut y avoir une première traduction qui soit une grande traduction. Mais loin d’invalider notre corrélation, cette possibilité signifie seulement que ladite première traduction s’est d’emblée posée comme une re-traduction, et ceci à chaque fois selon des modalités particulières. Ensuite, il faut ici préciser le concept même de retraduction. Celle-ci ne qualifie pas seulement toute nouvelle traduction d’un texte déjà traduit. [...] On peut parler ici de retraduction, dès qu’il y a une nouvelle traduction d’une oeuvre, même si on a affaire à une partie de cette oeuvre qui n’avait pas, elle, été encore

(BERMAN, 2007). É, de novo, a valorização, senão a necessidade, da repetição: “toda ação humana, para se completar, precisa da repetição. E isso vale particularmente para a tradução”<sup>19</sup> (BERMAN, 1990, p. 4). Somente a repetição, a retradução, leva à possibilidade de uma grande tradução: tradução abundante, que suspende por um tempo a sucessão de traduções daquele texto e instaura um discurso da abundância: “riqueza da língua, extensiva ou intensiva, riqueza da relação com a língua do original, riqueza textual, riqueza significativa etc.”<sup>20</sup> (ibidem, p. 5). Essa instauração do discurso da abundância só se faz possível a partir do *kairos*, o momento favorável, quando, “brusca e imprevisivelmente”, é suspendida a resistência que tem todo texto à tradução (resistência que, aliás, engendra a *défaillance* que habita a tradução). Graças a um grande tradutor,

traduite. Il suffit qu’un texte d’un auteur ait déjà été traduit pour que la traduction des autres textes de cet auteur entre dans l’espace de la retraduction.”

<sup>19</sup> “Toute action humaine, pour s’accomplir, a besoin de la répétition. Et cela vaut particulièrement pour la traduction”

<sup>20</sup> “richesse de la langue, extensive ou intensive, richesse du rapport à la langue de l’original, richesse textuelle, richesse significative, etc.”

dotado de uma *pulsion traduisante* [pulsão tradutora], “em um dado momento torna-se ‘enfim’ possível traduzir uma obra”<sup>18</sup> (ibidem, p. 6).

São numerosas as críticas e questionamentos que podem ser (e foram) feitos a Berman. Após a *Palimpsestes* de 1990, a retradução volta a aparecer em um artigo de Gambier, publicado na revista canadense *Meta*. Nela, Gambier retoma e se alinha a Berman. A partir dos anos 2000, explodem as publicações e eventos sobre retradução<sup>19</sup>: é publicado, em 2004 o número 15 da *Palimpsestes*, agora organizada por Christine

Raguet, “Pourquoi donc retraduire”, que retoma a discussão; em 2010, é publicado o livro *La retraduction*, organizado por Robert Kahn e Catriona Seth a partir de um colóquio sobre o tema realizado na universidade de Rouen, em 2006; em 2012, é publicado o livro *Autour de la retraduction*, organizado por Enrico Monti e Peter Schnyder a partir de um colóquio realizado na universidade de Haute-Alsace, em 2009; publicações e eventos sobre retradução também acontecem fora do universo francófono: no Brasil, autores como Álvaro

<sup>18</sup> “À un moment donné, il devient ‘enfim’ possible de traduire une oeuvre”

<sup>19</sup> Em anexo, ao final do trabalho, uma relação dos principais eventos e publicações realizados nos últimos anos sobre a retradução.

Faleiros, Émilie Audigier, Marcelo Tápia e Mauri Furlan escrevem sobre a retradução; é organizado, em 2013, por ocasião do XI Congresso Internacional da

ABRAPT, na UFSC, o simpósio “As formas da retradução em literatura”; em 2003, a revista *Cadernos de tradução*, também da UFSC, publica um número dedicado em parte ao tema: “Tradução, retradução e adaptação”. Apesar da diversidade de trabalhos sobre retradução a partir dos anos 2000, talvez um traço em comum os reúna: o gesto de reler Berman, seja para redimensioná-lo, seja para problematizá-lo. Nesse contexto, é a obra de Gambier, escrevendo em 1994 e em 2012, que mais proveitosamente ilustra a mudança que ocorre no entendimento da retradução após os anos 2000.

### 3. Yves Gambier: ler e reler Berman

Gambier escreve pela primeira vez sobre retradução em 1994, em um artigo intitulado “La retraduction, retour et détour”, na revista canadense *Meta*. Nele, Gambier resume a hipótese bermaniana através de duas noções-chave: *retour* [retorno] e *détour* [desvio]. A retradução, afirma ele, é uma nova tradução de um texto já traduzido em uma mesma língua, integralmente ou não. Retraduzimos para reatualizar um texto, o que é determinado pela própria evolução dos receptores (gostos, necessidades, competências etc.). Mudam os tempos, mudam as traduções: é essa a dimensão histórica da retradução, atravessada por uma dimensão sócio-cultural: “só a retradução conjuga a essa dimensão sócio-cultural a dimensão histórica: traz mudanças porque os tempos mudaram”<sup>20</sup> (GAMBIER, 1994, p. 413). Filiado a Berman, Gambier defende que a primeira tradução tende a ser assimiladora, reduzindo a alteridade e familiarizando aspectos linguísticos, textuais, culturais etc. (dimensão do *détour*). Nesse contexto, a retradução é um *retour* ao texto-fonte: a possibilidade de que um segundo, terceiro, quarto gesto de leitura seja

---

<sup>20</sup> “Seule la retraduction conjuge à cette dimension sócio-culturelle la dimension historique: elle apporte des changements parce que les temps ont changé”

também um gesto de retorno. Retoma, em última instância, o ciclo idealista de Goethe. No entanto, por mais filiado que esteja à posição de Berman,

Gambier já começa a tentar redimensioná-la, chamando a atenção para a “visão logocêntrica do texto e da imanência do sentido”<sup>21</sup> (ibidem, p. 414) na proposta bermaniana, como se o retradutor pudesse se colocar fora da ideologia e da cultura, como se, na hipótese bermaniana da “grande tradução”, houvesse (acrescentemos) uma suspensão da historicidade, do ideológico, do cultural, do contextual, do político, finalmente. Mas, se é verdade que Gambier começa a abrir uma fenda no pensamento de Berman, também é verdade que (por enquanto) não a ultrapassa: permanece em uma posição discursiva que concebe a retradução como um modo de restituir a significância e abrir o texto às singularidades originais, trazendo o outro para o espaço da tradução. Chega inclusive a reiterar a hipótese bermaniana da “grande tradução”: “algumas transcendem sua própria historicidade – são as ‘grandes traduções’”<sup>22</sup> (ibidem, p. 415)

De um ponto de vista prospectivo, os dados mais relevantes trazidos por Gambier são não apenas uma inicial problematização da posição de Berman, ainda que nela também se mantenha, mas uma série de perguntas referentes ao fazer retradutório que, direta ou indiretamente, serão retomadas pelos autores que lhe sucedem, na tentativa de respondê-las. Talvez seja por essa razão que Monti (2012, p. 10) coloca Gambier ao lado de Bensimon e Berman na elaboração de certa base teórica fundacional a partir da qual se dará a posterior discussão sobre retradução. São cinco as perguntas de Gambier, podendo ser resumidas do seguinte modo:

- 1) Por que um mesmo texto suscita inúmeras traduções?
- 2) Por que algumas traduções envelhecem rápido, enquanto outras perduram?
- 3) A retradução se coloca do mesmo modo para diferentes gêneros?
- 4) As autotraduções podem ser retraduzidas?
- 5) Qual é o papel desempenhado por um tradutor em uma retradução?

---

<sup>21</sup> “vision logocentrique du texte et de l’immanence du sens”

<sup>22</sup> “Mais toutes les traductions ne vieillissent pas à la même allure, au même degré. Cette ‘temporalité de la caducité et de l’inachèvement’ (Berman, 1990: 1) n’atteint pas toutes les traductions de la même manière: certaines transcendent leur propre historicité – ce sont les ‘grandes traductions’”

Olhando para os posteriores estudos sobre retradução, veremos que as perguntas de Gambier são seminais e desenharam os contornos gerais das diversas áreas nas quais se desenvolverão os estudos da retradução: todos, ou quase todos os autores, levantam inúmeras respostas possíveis para a primeira questão, que se coloca, nesse sentido, como uma espécie de questão fundamental (voltaremos a ela adiante); a segunda, que já conta com uma resposta prévia de Berman (1990), voltará à baila, agora sob perspectivas informadas por uma série de outros aportes teóricos, como a teoria dos polissistemas (Even-Zohar) e a *manipulation school* (Lefevere, Toury etc.), deslocando o foco da essência (Berman) para a relação; também a ela voltaremos adiante; a terceira conta com os mais diversos trabalhos que, de modo mais ou menos prático, procuram analisar traduções e retraduições de textos de diferentes gêneros. Esse tipo de análise, é significativo apontar, torna-se verdadeira tendência nos estudos de retradução, comparecendo nas mais diversas formas nos colóquios e publicações aqui já mencionados. A quarta questão é, aliás, consequência da terceira, e também tem seu lugar atualmente: ainda em 2004, por exemplo, Oustinoff analisa a relação entre autotradução e retradução a partir do exemplo de Nabokov. A quinta, finalmente, aparece, assim como a primeira, em praticamente todos os trabalhos posteriores, partindo desde questões mais gerais até questões de ordem editorial ou mercadológica, como, por exemplo, as possíveis implicações salariais entre os trabalhos do tradutor e do retradutor.

Faz sentido, portanto, que pensemos no trabalho de Gambier, de 1994, ao lado do trabalho de Berman e Bensimon. Não cabe, talvez, falarmos no binômio

BensimonBerman; mais justo e acertado seria falarmos no trinômio Bensimon-BermanGambier como base fundacional dos estudos de retradução.

Tal proposta, contudo, não está isenta de problemas: em 2012, Gambier publica um novo trabalho, em que, ao reler Berman, relê a si mesmo. E, nesse processo, vai ele próprio do *retour* (retorno a Berman, em 1994) ao *détour* (dele agora se desviando, em 2012). Essa guinada teórica não deixa de refletir, com efeito, o próprio movimento dos estudos da retradução, que, como mencionamos, agora se abrem para outras perspectivas, em um gesto que busca permanentemente ressituar, problematizar, redimensionar, questionar o pensamento bermaniano.

Retradução, ao contrário do que supõe Berman, não é evolução. Subjaz ao pensamento do autor francês uma forte memória evolucionista: traduções envelhecem e morrem; eventualmente surge, quase por seleção natural, uma “grande tradução” que, com maiores vantagens, poderá se perpetuar por determinado tempo. Berman inscreve-se, podemos dizer, em uma ideologia do progresso, para quem a retradução é uma atividade que supõe uma evolução. Pressupõe, assim que a história é uma progressão, uma linha cronológica, visão que é, lembra-nos Gambier, “uma compreensão evolucionista da história”<sup>23</sup> (GAMBIER, 2012, p. 57). Apagam-se assim as redes de contato entre essas traduções, as relações que estabelecem entre si, o complexo de fraturas e contatos, em nome de uma visão teleológica, talvez até idealista, que se baseia numa lógica de progresso em direção a uma grande tradução que conjugue ao mesmo tempo a suspensão da falha e a suspensão da reescritura de outras traduções, como se a historicidade tivesse um “fora”, como se a retradução, enquanto espaço da tradução, engendrasse também um espaço fora da ideologia, um espaço ahistórico.

Gambier (2012) defende que, ao contrário do que preconizava Berman, uma retradução não se deve tão-somente ao fato de que as traduções envelhecem: são muitas as razões por que retraduzimos. Para Gambier, há as retraduições endogenéticas, originadas de flutuações linguísticas entre as versões e também em relação ao original, e retraduições exogenéticas, originadas de aspectos editoriais, comerciais, culturais. A base teórica dessa diferenciação deve muito à teoria dos polissistemas, referência absolutamente ausente nas considerações de 1994; é esse Gambier de 2012, informado por todo um aporte teórico das teorias de Even-Zohar e mesmo da *manipulation school*, que afirma que,

segundo o grau de distanciamento no tempo, as funções preenchidas por cada tradução no polissistema receptor e o nível de análise, as retraduições podem ser percebidas diferentemente e ser a elas atribuídas uma significação e uma causalidade variáveis. Com essa complexidade, pode-se afirmar que há períodos mais retradutores que outros, em um polissistema dado.<sup>24</sup> (GAMBIER, 2012, p. 64)

---

<sup>23</sup> “une compréhension évolutionniste de l’histoire”

<sup>24</sup> “selon le degré d’éloignement dans le temps, les fonctions remplies par chaque traduction dans le polysystème récepteur et le niveau d’analyse, les retraductions peuvent être perçues différemment et se voir

Tal questão constitui, como afirmamos, um dos pontos centrais dos estudos de retradução: por que retraduzir? Como indica Ladmiral (2012, p. 31), há na pergunta um paradoxo: por que refazer aquilo que já foi feito? As diferenciações gerais traçadas por Gambier podem nos levar, sem a intenção de criar categorias estanques, a um desdobramento dessas razões:

1) retraduzimos porque uma tradução não é satisfatória; gesto de retorno ao original, busca-se restituir e recuperar determinados aspectos linguísticos, textuais, estilísticos etc. considerados fundamentais na obra em questão;

2) retraduzimos porque queremos traduzir diretamente do original; seria o caso das traduções intermediárias de que fala Gambier (2012) e aqui já mencionadas;

3) retraduzimos porque as traduções envelhecem, razão que retoma a hipótese bermaniana. Monti (2012) aponta para o fato de que os originais também envelhecem, mas de maneira distinta:

os textos de partida também envelhecem, mas não da mesma maneira que suas traduções, ao menos não aos olhos do público. Onde esses que chamamos de textos ‘originais’ ganham rugas que os tornam ainda mais charmosos, as imperfeições devidas à idade das traduções têm uma propensão particular de torná-las grotescas<sup>28</sup> (MONTI, 2012, p. 15-16)

4) retraduzimos porque os meios tecnológicos de que dispúnhamos mudaram; assim, a partir do momento que contamos ferramentas de memória de tradução, comparação de *corpora*, bibliografia crítica atualizada etc., retraduzimos para melhorar a tradução que não dispunha de tais meios;

5) retraduzimos porque queremos ressignificar determinado autor ou texto no sistema de chegada: “[as retraduições] contribuem para ancorar sempre mais a obra estrangeira no patrimônio nacional receptor”<sup>29</sup> (CHEVREL, 2010, p. 17);

attribuer une signification et une causalité variables. Avec cette complexité, peut-on affirmer qu’il y a des périodes plus

retraductrices que d'autres, dans un polysystème donné”<sup>25</sup> “les textes de départ vieillissent aussi, mais pas de la même manière que leurs traductions, au moins aux yeux du public. Là où ceux que l'on définit comme des textes ‘originaux’ prennent des rides qui les rendent encore plus charmants, les imperfections dues à l'âge des traductions ont une propension toute particulière à les rendre grotesques”

<sup>26</sup> “[les retraductions] contribuent à ancrer toujours davantage l'oeuvre étrangère dans le patrimoine national du pays d'accueil”

6) retraduzimos porque queremos traduzir, isto é, sequer sabemos que já havia uma tradução anterior, ou, mesmo sabendo, a ela não tivemos acesso: “não é uma regra que um tradutor fazendo essa nova tradução conheça o trabalho dos seus predecessores; ele pode inclusive ignorar sua existência”<sup>28</sup> (SKIBINSKA, 2007, p. 5);

7) retraduzimos porque questões editoriais, comerciais ou mercadológicas assim exigem. É o caso, por exemplo, dos autores que caem em domínio público e imediatamente já se tem notícia de pelo menos mais de uma editora publicando, ou prestes a publicar, retraduições<sup>29</sup>;

8) e retraduzimos, finalmente, porque temos outra leitura daquele texto, não contemplada nas traduções anteriores. Tal é, com efeito, o entendimento que parece predominar nos últimos estudos de retradução, como aqui entendemos e buscaremos não só explicar, mas redimensionar:

Nem sempre é porque uma tradução é ruim ou antiquada que desejamos retraduzir: pode ser simplesmente porque, enquanto tradutores, interpretamos diferentemente o texto, como um diretor de teatro propõe outra encenação ou um músico uma nova interpretação de uma peça musical.<sup>32</sup> (MAVRODIN, 1990, p. 77)

A retradução explicita o fato de que não é (ou não é apenas) a tradução que é atravessada pela incompletude, mas a própria obra: ela pode ser sempre relida, recompreendida, ressituada, retextualizada, retraduzida. Perceba-se que a noção de

---

<sup>25</sup> “il n'est point de règle qu'un traducteur entreprenant cette nouvelle traduction connaisse le travail de ses prédécesseurs; il peut même ignorer son existence”

<sup>26</sup> Alguns autores que entraram em domínio público a pouco tempo ou que entrarão em breve e dos quais se sabe de novas traduções já publicadas ou planejadas: Sigmund Freud, James Joyce, Virginia Woolf, Robert Musil, Paul Valéry, Gertrude Stein. <sup>32</sup> “Ce n'est pas toujours parce qu'une traduction existant est mauvaise ou désuète qu'on désire retraduire: ce peut être tout simplement parce que, en tant que traducteur, on interprète autrement le texte, comme un metteur en scène propose un nouveau spectacle, un exécutant musical une nouvelle interprétation d'un morceau”



incompletude é aqui redimensionada: não é a incompletude de que fala Berman, mas a incompletude no sentido em que sempre é possível reler e reescrever. Incompletude que é, em última análise, a própria incompletude do sujeito e da língua (PÊCHEUX, 1997). Não é a linha reta, evolucionista, cronológica, preconizada por Berman: é um eterno recomeçar, um gesto permanente e necessário de releitura, reatualização e reescrita:

“Retraduzir é de fato um ato de atualização de um texto, fundado em uma nova leitura e uma nova escritura”<sup>27</sup> (CHEVREL, 2010, p. 14). Uma obra é cada vez melhor compreendida (ou mais amplamente compreendida), quanto mais traduções há dela, visão que traz consigo a ideia de que tradução é crítica e, como tal, engendra um modo de ver e dizer o texto. Retraduzimos não porque a tradução “envelheceu” ou mesmo porque o “original mudou”, mas porque mudou nosso modo de nos relacionarmos com aqueles textos (aí entendidos o texto-fonte e as anteriores traduções, se é que, em se tratando de retradução, não constituem elas mesmas, as traduções anteriores, uma espécie de textofonte). Muda a leitura que fazemos e *como* fazemos essa leitura; muda a sensibilidade literária, os pretextos culturais, os intertextos a que temos acesso. Atravessada pela historicidade, a retradução não existe fora do político, do ideológico, do histórico. Não é, como queria Berman, espaço apenas da tradução, mas espaço também da história, da movência, da interpretação.

#### 4. (Re)definindo uma noção teórica

“Retraduzir não é substituir, mas acrescentar”<sup>28</sup>, defende Samoyault (2010, p. 231). Não estamos na posição bermaniana, para a qual a retradução é uma sucessão de traduções em uma linha cronológica. Estamos no lugar da pluralidade, da releitura e da reescrita. Mais acertado seria falar em uma coexistência de vários textos: “deveríamos ver uma série de traduções antes de tudo como *coexistência* de vários textos ligados por

---

<sup>27</sup> “Retraduire est véritablement un acte d’actualisation d’un texte, fondé sur une nouvelle lecture et une nouvelle écriture”

<sup>28</sup> “Retraduire n’est pas remplacer, mais ajouter”

um elo original: a obra original, ‘fundadora’ da família que esses textos formam”<sup>29</sup> (SKIBINSKA, 2007, p. 5, grifo da autora). Numa proposta radical, seria possível defender que falássemos não em retradução, termo que pode ser encerrado na perspectiva substitutiva, linear, cronológica, mas em cotradução: traduções, retraduições, (re)traduições que coexistem e convivem, seja em diálogo, em complementaridade, em dissonância – ou mesmo em ressonância. Evita-se uma perspectiva evolucionista e valoriza-se uma perspectiva sincrônica, que olha para as retraduições como releituras e reescrituras que, assim como qualquer material crítico, convivem em um mesmo espaço – nesse caso, o espaço da tradução, alargando-se, portanto, aquele “espaço da tradução” previsto por Berman. O “original” existe porque há uma primeira tradução (Skibinska,

2007) que, por assim dizer, funda a partir daí a existência de um “original”. Mas essa tradução primeira funda também a possibilidade de retradução; ou, dito de outro modo, funda um espaço em que pode se dar outras releituras e reescrituras daquela obra, que conviverão e coexistirão em uma rede de modos de ler, dizer, escrever – traduzir, finalmente.

Se entendemos que retraduzir é um ato de releitura e de reescritura, atravessado pela historicidade, pela ideologia, pelo cultural, pela subjetividade, pelo político, podemos entender que retraduzir não é substituir nem tampouco suceder, mas acrescentar, pluralizar. Entendemos, a partir daí, que o espaço da retradução é um espaço de coexistência de traduções, e não de substituições; um espaço em que coexistem e convivem retraduições – melhor dizendo, cotraduições – que formam e conformam um complexo de relações de aliança, divergência, ressonância, intertexto, complementaridade etc. Como lembra Faleiros (2011, p. 19), “pensar a reescrita como retradução implica não se ater à relação entre original e tradução. Parte-se de um pressuposto distinto: o texto traduzido está envolvido numa imensa rede e os modos de reescrevê-lo interagem com as escritas anteriores”. Esse gesto retradutor se origina não do suposto fato de uma tradução ter envelhecido, mas de uma relação outra estabelecida com aquele texto, que leva inevitavelmente a uma reescritura outra. É fato que pode-se retraduzir partindo-se do princípio de que determinada tradução envelheceu e não atende mais aos desejos desse ou

---

<sup>29</sup> “nous devrions voir une série de traductions avant tout comme *coexistence* de plusieurs textes liés par un lien original: l’oeuvre originale, ‘fondatrice’ de la famille que ces textes forment”

daquele público. O que buscamos destacar é que esse julgamento é por si só historicamente situado: retraduzimos porque julgamos que a tradução anterior envelheceu, mas, na verdade, acrescentamos outra releitura e reescritura possíveis, que conviverão em um espaço comum de leituras e escritas em relação. Situamo-nos no espaço da relação, e não da essência. É por isso que a ideia de “grande tradução” de Berman deve ser entendida mais como um efeito do que como um fato.

## 5. Um percurso em aberto

Buscamos apresentar o percurso pelo qual tem passado a noção de retradução desde a publicação do número 4 da *Palimpsestes*, em 1990. Tal percurso não se encerra aqui. Como tampouco começou em 1990. Meschonnic, por exemplo, já falava em retradução em 1970: “Essa noção de tradução como transformação [...] leva a historicizar as questões: quem traduz ou retraduz? O que e por quê?”<sup>30</sup> (1970, p. 67);

“cada época retraduz porque lê e escreve de outro modo. O paradoxo provisório da tradução bem sucedida (aquela que dura) é aquele da necessária *re-enunciação*”<sup>31</sup> (ibidem, p. 424). E Steiner, em 1975 (primeira publicação em inglês), também já anunciava a questão: “cada geração inevitavelmente retraduz”<sup>32</sup> (1978, p. 79). Mas é com Berman que se *funda*, por assim dizer, um estudo minimamente sistemático da retradução, instaurando uma série de artigos e ensaios que retomarão, das mais diversas posições, suas ideias. É verdade que, mais recentemente, Berman tem sido retomado para ser problematizado e questionado. Foi o que buscamos expor nos parágrafos acima. Nessa virada que ocorre nos estudos da retradução, talvez o melhor exemplo seja, como demonstramos, Gambier: se em 1994 publicava um artigo alinhando-se a Berman e estabelecendo uma série de perguntas fundadoras para a noção de retradução, em 2012 publica novo artigo, agora afastando-se

---

<sup>30</sup> “Cette notion de traduction comme transformation [...] mène à historiciser les questions: qui traduit ou retraduit? Quoi et pourquoi?”

<sup>31</sup> “Chaque époque retraduit parce qu’elle lit et écrit autrement. Le paradoxe provisoire de la traduction réussie (celle qui dure) est celui de la nécessaire *ré-énonciation*”

<sup>32</sup> “chaque génération retraduit inévitablement”

de Berman, questionando sua própria posição de 1994 e respondendo muitas das perguntas antes levantadas – podemos considerar, na verdade, que todos os trabalhos sobre retradução pós-1994 inevitavelmente se inscrevem, de um jeito ou de outro, em pelo menos uma das perguntas então levantadas por Gambier.

Diante de um percurso tão movente e ainda tão inicial, em constante (re)definirse, tocar na questão da retradução é tocar na necessidade de, antes de tudo, explicar o que se entende por retradução, razão pela qual buscamos expor nossa noção de retradução, que procura sublinhar o caráter plural, o espaço múltiplo, as redes de relações que a retradução instaura.

Após nossa exposição e nossas considerações, podemos assim definir a retradução:

Retradução é toda reescritura de um texto-fonte, que coexiste e se relaciona com outras reescrituras desse mesmo texto-fonte, estabelecendo com elas uma rede de modos plurais de (re)lê-lo e (re)escrevê-lo, gesto que é, finalmente, uma crítica. Diferese, assim, da noção de retradução, que na maior parte das vezes é compreendida como uma série linear de substituições de reescrituras; a (re)tradução, ao contrário, procura evidenciar que uma (re)tradução é um gesto de acréscimo: acréscimo de novos modos de ler e escrever aquele texto no espaço da (re)tradução.

## Referências

BENJAMIN, Walter. *A tarefa do tradutor*. Trad.: Susana Kampff Lages. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008.

BENSIMON, Paul. Présentation. *Palimpsestes*, Paris, Presses de la Sorbonne Nouvelle, n. 4, p. IX-XIII, out. 1990.

BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Rio de Janeiro: 7Letras/UFSC, 2007.

BERMAN, Antoine. La retraduction comme espace de la traduction. *Palimpsestes*, Paris, Presses de la Sorbonne Nouvelle, n. 4, p. 1-9, out. 1990.

BRISSET, Annie. Retraduire ou le corps changeant de la connaissance: sur l'historicité de la traduction. *Palimpsestes*, Paris, Presses de la Sorbonne Nouvelle, n. 15, p. 39-69, 2004.

CHEVREL, Yves. Introduction: la retraduction – und kein Ende. In: KAHN, Robert; SETH, Catriona. *La retraduction*. Rouen: Publications des Universités de Rouen et du Havre, 2010, p. 11-21.

*DICIONÁRIO ELETRÔNICO AURÉLIO DA LÍNGUA PORTUGUESA* [CD-ROM]. Positivo, 2004.

*DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA* [CD-ROM]. Instituto Antônio Houaiss, 2001.

FALEIROS, Álvaro. As flores do mal sem medida: por uma retradução de Charles Baudelaire. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, São Paulo, n. 19, p. 145-156, 2011.

FALEIROS, Álvaro. A crítica da retradução poética. *Itinerários*, Araraquara, v. 28, p. 145-158, 2009.

FURLAN, Mauri. Retraduzir é preciso. *Scientia Translationis*, Florianópolis, n. 13, p. 284-294, 2013.

GAMBIER, Yves. La retraduction, retour et détour. *Meta*, Montreal, v. XXXIX, n. 3, p. 413-417, 1994.

GAMBIER, Yves. La retraduction: ambiguïtés et défis. In: MONTI, E.; SCHNYDER, P. (orgs.) *Autour de la retraduction*. Paris: Orizons, 2012, p. 49-67.

LADMIRAL, Jean-René. Nous autres traductions, nous savons maintenant que nous sommes mortelles.... In: MONTI, E.; SCHNYDER, P. (orgs.) *Autour de la retraduction*. Paris: Orizons, 2012, p. 29-49.

LARANJEIRA, Mário. *Poética da tradução*. São Paulo: EDUSP, 1993.

MAVRODIN, Irina. Retraduire Dickens. In: *Actes des Septièmes assises de la traduction littéraire*. Arles: Actes Sud / ATLAS, 1991.

MESCHONNIC, Henri. *Pour la poétique II*. Paris: Gallimard, 1970.

MILTON, J.; TORRES, M.-H. (orgs.). *Cadernos de tradução: Tradução, retradução e adaptação*. Florianópolis, n. 11, 2003.

MONTI, Enrico. La retraduction, un état des lieux. In: MONTI, E.; SCHNYDER, P. (orgs.) *Autour de la retraduction*. Paris: Orizons, 2012, p. 9-29.

OSEKI-DÉPRÉ, Inês. Retraduire la Bible: le Qohélet. *Cadernos de tradução: Tradução, retradução e adaptação*, Florianópolis, n. 11, p. 95-125, 2003.

OUSTINOFF, Michaël. “Vladimir Nabokov ou pourquoi *se* retraduire?”. *Palimpsestes*, Paris, Presses de la Sorbonne Nouvelle, n. 15, p. 169-187, 2004.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. (Trad. Eni P. Orlandi). Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1997.

RODRIGUEZ, Liliane. *Sous le signe de Mercure, la retraduction. Palimpsestes*, Paris, Presses de la Sorbonne Nouvelle, n. 4, p. 63-78, out. 1990.

SAMOYAUULT, Thiphaine. *Retraduire Joyce*. In: KAHN, Robert; SETH, Catriona. *La retraduction*. Rouen: Publications des Universités de Rouen et du Havre, 2010, p. 231-243.

SKIBINSKA, Elzbieta. *La retraduction, manifestation de la subjectivité du traducteur. Doletiana: Revista de traducció, literatura i arts*, Barcelona, n. 1, p. 1-10, 2007.

SKIBINSKA, Elzbieta. 'C'est la faute à... Boy': les traductions 'canoniques' sont-elles un obstacle à la retraduction?. In: MONTI, E.; SCHNYDER, P. (orgs.) *Autour de la retraduction*. Paris: Orizons, 2012, p. 405-419.

STEINER, Georges. *Après Babel*. Paris: Albin Michel, 1978.

TOPIA, André. *Finnegans wake: La traduction parasite. Palimpsestes*, Paris, Presses de la Sorbonne Nouvelle, n. 4, p. 45-63, out. 1990.

ZARO, Juan Jesús. *En torno al concepto de Retraducción*. In: ZARO, J. J. e NOGUERA, F. R. (orgs.). *Retraducir: una nueva mirada. La retraducción de textos literarios y audiovisuales*. Málaga: Miguel Ángel Gómez, 2007, p. 21-34.

Recebido em 18 de setembro de 2014  
Aceito para a publicação em 19 de dezembro de 2014